

ENSINO, MEIO AMBIENTE E TEATRO- EDUCAÇÃO: NARRATIVAS DE UMA DRAMATURGIA ELABORADA COM ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Noemi Boer

Centro Universitário Franciscano – UNIFRA

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI, Santo Ângelo, RS

Cristiano Bittencourt dos Santos

Centro Universitário Franciscano - UNIFRA

RESUMO: Neste artigo, relata-se uma atividade que se insere no campo da educação ambiental. Desenvolvida no contexto escolar, teve por objetivo trabalhar o tema meio ambiente com 19 estudantes do ensino fundamental de uma escola da periferia de Santa Maria, RS, Brasil. A metodologia compreende a técnica do teatro-educação de Spolin (1990), associada ao teatro do oprimido de Boal (1996). Aponta-se como principal resultado a elaboração e encenação de uma peça de teatro denominada *Diálogos ao pé do Morro das Antenas*. Constatou-se que o teatro é eficiente como recurso didático para sensibilizar e politizar os estudantes, conduzindo-os à reflexão crítica a respeito das intervenções humanas no meio.

PALAVRAS- CHAVE: Educação Ambiental. Sociedade e natureza. Ensino.

OBJETIVO: Trabalhar a temática ambiental e questões a ela relacionada, utilizando-se a técnica do teatro como recurso didático, em uma turma multisseriada do ensino fundamental.

MARCO TEÓRICO

Pensar a problemática ambiental sem dissociá-la da dimensão das humanidades e dos sistemas econômico e político do país é a associação que se busca para sinalizar como o investimento neste modelo educacional é necessário à construção de um sujeito ecológico, como apontam Carvalho (2004); Sauvé (2005); Gaudiano (2005).

Luzzi (2012) e Nussbaum (2015) chamam atenção para os perigos dos modelos de educação que esquecem que, enquanto espécie, estamos nos destruindo ao destruir as condições ambientais. Sinalizam também para a importância que a arte assume em situações em que a educação carece de princípios democráticos. No campo das artes, o pensamento de Nussbaum (2015) converge com as concepções de Spolin (1990) a respeito das inter-relações entre teatro e educação, por meio da linguagem cênica, do jogo e da improvisação, como formas naturais de expressão humana.

Segundo Spolin (1990), a estrutura mínima para que uma cena ou um texto possa ser teatro, deve compreender: Onde – Quem – O Que e o Ponto de Concentração (POC). Os elementos da improvi-

sação, sugeridos pela autora, são: o personagem (denominado por quem), o cenário (contextualizado por meio do onde, cenicamente um local imaginado) e o conflito (dado pelo o que – o que movimenta e desencadeia a ação) com o POC definido. A autora explica que o cenário não precisa necessariamente ser realista, pode ser concretizado pela ação dos estudantes em estado de criação. Bittencourt, Boer & Barin (2016) entendem que isso possibilita expressar ideias, questionar, viver momentos de jogo ou ludicidade, oportunizados pelo mesmo.

Mudanças de pequenas atitudes dos homens, diferenciar o olhar sobre o mundo, ampliá-lo é um processo sensível no entendimento de Boal (1996). Desse modo, pensar a educação ambiental, atrelada ao teatro, é dar ênfase ao protagonismo dos educandos na perspectiva de compreender, apreender e interagir com o meio da maneira mais saudável e fraterna possível.

METODOLOGIA

Este trabalho é um recorte das ações de um Projeto de Educação Ambiental, desenvolvido no período 2012 -2016, em uma escola situada no Morro das Antenas, periferia da cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. Nessa atividade, participaram 19 estudantes do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental, com idades entre 9 e 13 anos.

As atividades foram desenvolvidas em trilhas ecológicas para conhecer a mata atlântica que circunda a escola e a comunidade; houve coleta de materiais recicláveis necessários à confecção de bonecos mamulengos, cenários e figurinos; construiu-se uma dramaturgia que foi apresentada em eventos da escola e comunidade. Para a elaboração da dramaturgia, foi utilizada a técnica proposta por Spolin (1990), que consiste em aplicar o fichário estruturado pela autora. Inicialmente, os estudantes são dispostos em círculo e preenchem o fichário contendo os seguintes itens: Onde – Quem – O que e o POC, descritos na seção anterior. Complementa o fichário um esboço da planta baixa do palco, onde os participantes desenham as cenas do teatro que, posteriormente, são transpostas para o texto da dramaturgia.

Na sequência, são definidos os personagens e o grupo organiza o texto em forma de diálogos. Com a mediação do professor, vai se ordenando a ação teatral numa linha aristotélica de início, meio e fim.

Para atribuir um caráter politizado à dramaturgia, associou-se a técnica de Spolin (1990) aos pressupostos do teatro do oprimido de Boal (1996). Essa perspectiva teatral compreende três etapas básicas: (i) denúncia, em que são apresentados os fatos a serem narrados; (ii) triangulação com o curinga, um personagem que convida a plateia a participar da ação, expõe os fatos, causas e consequências e incentiva os espectadores a propor soluções; (iii) teatro fórum, constitui-se na interveção da plateia na finalização da peça. Recursos do teatro de sombras foram utilizados para ilustrar cenas relativas à morte de peixes e de outros animais e a derrubada de árvores.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A dramaturgia, denominada *Diálogos ao pé do Morro das Antenas*, refere-se aos diálogos entre dois exemplares da Mata Atlântica: um angico (*Anadenantheramacrocarpa*) e uma pitangueira (*Eugenia uniflora*) que narram a ocupação desordenada do morro que originou a comunidade em questão.

No excerto 1, observam-se conflitos entre seres humanos e demais espécies. Nesse fragmento, fica registrada a representação simbólica dos estudantes sobre a ocupação da localidade e a atual constituição da mesma.

Trabalha, trabalha com seu facão
 Trabalha, trabalha, trabalha irmão
 Trabalha, trabalha e deixa tudo no chão.

HOMEM 2: Madeiraaaaa... Pronto. Última árvore derrubada. Ah, não, olhem bem, o que vejo: Homens você esqueceram aquelas duas árvores ali, uma Pitangueira e um grande Angico, vamos logo que esas duas vão direto para os fornos da indústria. (RISOS).

HOMENS: (REPETEM O REFRÃO INICIAL)(VOLTA O NARRADOR).

NARRADOR: Tão grande foi a festa no final do trabalho, que os homens todos felizes foram para suas casas, a esperar que a empresa PROGRESSO E HABITAÇÃO os chamassem para outro trabalho, em outro lugar. Assim chega o progresso, o acesso, o concreto tudo em rápida urbanização nasce nossa cidade, nossa ferrovia, nossas universidades e nossos quartéis. Aplaudam nossa Ordem, nosso Progresso e nosso sucesso. Palmas para o desenvolvimento.

(SILÊNCIO ENTRA O CONTADOR)

CONTADOR: Porém, em outro lado da crescente cidade, também nascem as ocupações, as periferias, bairros e vilas... Viva ao nosso acesso: acesso à saúde, acesso à habitação, acesso acima de tudo à Educação. (INTERROMPIDA PELO NARRADOR)

NARRADOR: Que entre em cena a justiça, a lei, a ordem e acabem com essa desordem. Faz tempo que esta desocupada, que esta desordeira, que esta cacaca de Contadora de histórias disputa território comigo, mas eu estou do lado de lá, abaixo dela na escala, não econômica, na escalada subida diária do morro.

(ENTRAM BONECOS GRANDES E RETIRAM O CANTADOR)

As figuras 1a; 1b e 1c mostram, respectivamente, elementos cênicos (boneco), atores e vista geral da encenação, com tambores e cenário de fundo representando o Morro da Antenas.



Fig. 1a



Fig. 1b



Fig. 1c

A ideia de retornar ao homem as consequências de suas ações é clara na dramaturgia e sinaliza para a necessidade de atenção redobrada com o meio.

Excerto 03 – O conflito propriamente dito.

NARRADOR: Já que chegamos até aqui acompanhem o que virá!

(ENTRA O TEATRO DE SOMBRAS – CENÁRIO UMA CIDADE SENDO CONSTRUÍDA E A NATUREZA, DESTRUÍDA)

PEIXE 1: Blu, blu, blu, que água quente, que cor estranha.

PEIXE 2: Blucpot, blucatchim... Ai estou me sentindo mal...

PEIXE 3: Olhe ele está ficando cheio de pintinhas coloridas, que estranho.

PEIXE 2: Blucpot, blucatchim... Aiiiiiii, acho que vou...

(O PEIXE 2 BOIA E OS OUTROS PEIXES CHORAM)

PEIXE 1: Que tristeza, que agonia, que agua quente...

PEIXE 3: Está fervendo, vai evaporar, nade, nade contra a correnteza e vamos ver no que dá.

(OS PEIXES NADAM, SURGEM BOIANDO EM MEIO AS BOLHAS DE SABÃO)

MORRO: Ai que dor de cabeça, ai que palpitação, parece que estão me perfurando todo, ai, ai, ai...

FLORESTA: Eta, eta, eta e cai árvore aqui, desmorona ali, tem erosão logo ali, ai estou me acabando...

MORRO: Ai, ai, só falta mesmo me implodirem, algumas bananas de dinamite e bummmm, morro no chão.

FLORESTA: É comigo eles gritam: Madeiiiiiraaaaa, e lá se vai mais uma, duas, três, quatro... e tantas árvores, ninhos, ovos de pássaros, tudo pro chão. Com você ao invés de madeiiraaa eles gritarão peeedraaaaa...

MORRO: Não brinca que se eles escutam...

FLORESTA: Olha lá, olha lá lá se vão mais árvores, todas no chão, olha lá outro foco de queimada, assim eu não resisto, que seres ignorantes.

MORRO: Calma minha amiga que a raiva só vai piorar a situação, um dia eles param, e usei que param, senão eles também desaparecerão minha amiga.

FLORESTA: Você é muito esperançoso, sim você é todo de pedra, terra, sais minerais, é mais duro que eu, mas eu não aguentarei muito tempo nessas condições meu amigo, ai que sede e que falta de água, ai que desidratação e que calor...

(VOLTA NARRADOR)

NARRADOR: E assim conhecemos o progresso, o desenvolvimento e a urbanização, somos proprietários de uma porção da terra, portanto ela nos pertence, aaatchhhim, aaaatcccchhhhhim, ai que calor, ui que calafrios, ai acho que estou doente.

(SURGEM O CANTADOR E OS ESPÍRITOS DA TERRA)

CANTADOR: Ah, eubem que avisei, mas você me ouviu? Não, cai uma tentação, virou as costas pra nós e olhaso no que deu.

NARRADOR: Ai que sede e que falta de água, estou desidratando.

CANTADOR: Viu, você poderia ter mudado antes, mas você sempre foi um cabeça dura. Só eu mesmo pra aturar você.

NARRADOR: Mas mesmo depois de tudo que eu fiz você vai me ajudar?

CANTADOR: Sim eu vou te ajudar, porque você ainda não entendeu que eu, você, a natureza, o planeta somos um, e todos dependem de toda a harmonia da nossa vida. Entendeu agora?

NARRADOR: Pois é, que vergonha e agora o que fazer? Como eu posso ajudar a mudar isso tudo? Já sei, você vai me ajudar. (pega alguém da plateia) Como você acha que eu posso mudar um pouco a situação aqui?

FÓRUM

Possivelmente, o olhar atencioso das pessoas, ao final do teatro, seja o indício da construção de um canal sensível na perspectiva da educação ambiental crítica. Isso está de acordo com o que escreveu Lutzemberger, na década de 1990, a respeito da humanidade que se aproxima de uma encruzilhada fatal em que se perdem as opções ainda abertas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Oportunizar a participação dos estudantes em um processo criativo e lúdico, em que a construção de uma dramaturgia e encenação foram os pontos altos do trabalho é acreditar que, por meio do teatro, é possível contribuir com a formação de sujeitos politizados e engajados com a causa ambiental. Portanto, o teatro se mostrou eficiente como metodologia de educação ambiental escolar, possibilitando a reflexão sobre o papel da espécie humana como agente transformador dos recursos naturais e sobre o modo de relação que os homens estabelecem com os demais seres vivos e com o próprio meio.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e a Fundação do Ministério da Educação (MEC), pela concessão da bolsa CAPES/PROSUP – Mestrado acadêmico em Ensino de Humanidades e Linguagens (MEHL).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOAL, A. (1996). *O arco-íris do desejo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- CARVALHO, I. C. M. (2004). *Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico*. São Paulo: Cortez.
- GAUDIANO, E.G. *Educação ambiental*. Lisboa: Instituto Piaget.
- LAVANDIER, Y. A. (2013). *Dramaturgia: a arte da narrativa*. Le Clown et l'Enfant,.
- LUTZENBERGER, J. (1990). *Gaia o planeta vivo*. Porto Alegre: L&PM.
- LUZZI, D. (2012) *Educação e meio ambiente: uma relação intrínseca*. Barueri, SP: Manole.
- NUSSBAUM, M. C. (2015). *Sem fins lucrativos: por que a democracia precisa das humanidades*. São Paulo: Martins Fontes.
- SPOLIN, V. (1990). *Improvisação para o teatro*. São Paulo: Perspectiva.
- BOER, N.; BITTENCOURT, C. DOS S.; BARIN, N. R. (2016). A poesia de Cora Coralina no olhar do teatro-educação: uma dramaturgia em construção. *Tear: Revista de Educação Ciência e Tecnologia*. (5) 2, p. 1-13. Recuperado de: <http://seer.canoas.ifrs.edu.br/seer/index.php/tear/article/view/395/197>.
- SAUVÉ, L (2005). Uma cartografia das correntes em educação ambiental. In: Sato, M; Carvalho, I. C. M. (Orgs.). *Educação Ambiental: pesquisa edesafios*. Porto Alegre: Artmed.p. 17-44.